# A paz entre palestinos e israelenses continua distante

## Apesar da vitória diplomática palestina na ONU, a existência de um Estado fica difícil com os novos assentamentos israelenses

Israelenses e palestinos estão em conflito há tanto tempo – mais de seis décadas – que parecem nunca sair dos noticiários. Entra ano, sai ano, o impasse se prolonga, e a paz permanece como um objetivo distante. Para os governantes de Israel, a Primavera Árabe trouxe preocupações com mudanças radicais que possam afetá-los, vindas sobretudo do Egito. Assim, adicionou-se mais tensão em um cenário já conturbado.

Em um dos primeiros capítulos da Primavera Árabe, os egípcios ocuparam as ruas e derrubaram o ditador Mubarak, no país que faz a fronteira sul com Israel e a Faixa de Gaza. Acontece que, desde 1979, o Egito é o principal aliado árabe dos EUA e de Israel no Oriente Médio, parceria fundamental para o Estado judeu. Como a população egípcia é em boa parte hostil ao Estado de Israel, a revolução no país vizinho causou intranquilidade. E isso não melhorou com a eleição de Mohammed Mursi para presidente, empossado em junho de 2012, ligado à Irmandade Muçulmana (*veja na pág. 75*). Embora Mursi tenha se comprometido a respeitar os acordos internacionais, a Irmandade sempre criticou os acordos e o ex-ditador Mubarak, acusando-o de subserviência aos EUA e a Israel.

### Um pouco de história

Durante quase 30 anos, Israel se manteve isolado no Oriente Médio, sem o reconhecimento de nenhuma das nações vizinhas. Em 1967, a tensão explodiu na Guerra dos Seis Dias. Depois do ataque, Israel passou a controlar a Cisjordânia (território palestino então sob controle da Jordânia, incluindo Jerusalém Oriental), a Faixa de Gaza (território palestino, então sob controle do Egito), a península do Sinai (território egípcio) e as colinas de Golã (território da Síria). As ocupações israelenses provocaram enorme deslocamento de palestinos, que se refugiaram em países vizinhos. Desde então, Israel passou a implantar colônias judaicas na Cisjordânia, na qual vivem 2,6 milhões de palestinos.

A mudança essencial nesse quadro ocorreu quando o então presidente do Egito, Anuar Sadat, sucessor de Nasser (*veja na pág. 70*), assinou os Acordos de Paz de Camp David, em 1979. Com o tratado, o Egito passava a ser o primeiro país árabe a reconhecer Israel. Assim, a Península do Sinai foi devolvida aos egípcios em 1982. Sadat pagou um preço alto pelo acordo: foi assassinado três anos depois por extremistas islâmicos, acusado de traição. Mubarak, seu sucessor, sustentou Camp David e governou durante quase 30 anos com base num estado de emergência, com o apoio externo do governo dos Estados Unidos.

Em 1974, os palestinos haviam fundado a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que lutava pela criação de um Estado só em todo o território e o retorno dos refugiados à terra de origem. Mas os Acordos de Camp David puseram os palestinos sob pressão. Em 1993, Yasser Arafat, líder da OLP, reconheceu Israel, que aceitou a OLP como representante dos palestinos. Foram assinados os Acordos de Oslo, que deram início a negociações de paz e à criação da Autoridade Nacional Palestina (ANP).

### Impasse nas negociações

Desde então, muito pouco se avançou na direção da paz. Questões como a ocupação dos territórios palestinos, o problema da volta dos refugiados e a situação de Jerusalém Oriental (que os palestinos reivindicam como capital do possível Estado) mostraram-se obstáculos difíceis de transpor. A última rodada de negociações, em setembro de 2010, fracassou pela enorme distância entre as posições de cada lado. Israel se recusa a prorrogar o acordo de interromper as construções de assentamentos judaicos nos territórios palestinos, e os líderes palestinos não aceitam dialogar enquanto houver a expansão das colônias – pois, quanto mais os israelenses constroem, mais distante fica a possibilidade de os palestinos controlarem o território. Entre as populações, a tensão permanece, e os palestinos continuam vivendo em condições muito difíceis.

Com frequência, a tensão se torna combate aberto. O último ocorreu em novembro de 2012, quando um ataque de Israel matou um chefe militar do Hamas, grupo fundamentalista que con-

# O CONFLITO NA PALESTINA

**1920-1947** Palestina sob domínio britânico

**1947-1948** Proposta de partilha da ONU

**1948-1967** Após a Guerra de Independência

**1967-1988** Após a Guerra dos Seis Dias

**1988-2013** Situação atual

**1897** Fundação do movimento sionista, que visa ao retorno dos judeus à Palestina. Nas décadas seguintes, milhares migram para a região
**1918-1939** Palestina sob domínio britânico.
**1939-1945** II Guerra Mundial.
**1947** A ONU propõe a divisão da Palestina em dois Estados: 56,47% para os judeus e 43,53% para os árabes. Os líderes judeus aceitam, enquanto os árabes rejeitam.
**1948-1949** Retirada britânica. Os judeus proclamam Israel. Jordânia, Egito, Líbano, Síria e Iraque atacam, mas são expulsos. Os palestinos ficam sem território.
**1964** Criação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).
**1967** Guerra dos Seis Dias: Israel ocupa a Faixa de Gaza, o Sinai (Egito), Golã (Síria), a Cisjordânia e Jerusalém Oriental.
**1973** Guerra do Yom Kippur.
**1977-1979** O Egito e Israel firmam Acordos de Camp David.
**1987** 1ª Intifada, levante palestino.
**1993-95** Acordos de Paz de Oslo, entre Israel e palestinos. A Autoridade Nacional Palestina é criada, sob o comando de Yasser Arafat, da OLP.
**2000** 2ª Intifada.
**2002** Começa a construção do muro na Cisjordânia.
**2004** Morre Yasser Arafat.
**2006** Hamas vence as eleições palestinas.
**2007** Conflito entre os palestinos.
**2008** Israel ataca a Faixa de Gaza.
**2010** Israel ataca flotilha com ajuda à Faixa de Gaza.
**2012** A ONU aprova resolução que eleva a Palestina a "Estado observador não membro"

**POPULAÇÃO PALESTINA**
**Em milhões, em 2011**

| Assentamentos judeus | |
|---|---|
| Cisjordânia | 270 mil |
| Jerusalém Oriental | 190 mil |

SUHAIB SALEM/REUTERS

**GAZA EM CHAMAS**
Israel bombardeia a Faixa de Gaza, em 17 de novembro de 2012: governado pelo grupo islâmico Hamas, o território está sob bloqueio há seis anos

trola a Faixa de Gaza. Em resposta, o Hamas disparou 1,5 mil projéteis contra Israel, que se defendeu com um escudo antimísseis. O cessar-fogo foi assinado, mas as hostilidades continuaram.

Enquanto isso, o presidente da ANP, Mahmoud Abbas, iniciou uma ofensiva diplomática pelo reconhecimento da Palestina como Estado. Após sofrer uma derrota no Conselho de Segurança da ONU, submeteu à Assembleia Geral o pedido para que a Palestina passasse da condição de "entidade observadora não membro" para a de "Estado observador não membro". Em novembro de 2012, 138 dos 193 países-membros da ONU votaram contra os EUA e Israel.

Em resposta, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, suspendeu o repasse de impostos aos palestinos e anunciou a construção de mais 3 mil residências na Cisjordânia e em Jerusalém Ocidental. Em janeiro de 2013, Netanyahu se enfraqueceu nas eleições legislativas em Israel. Apesar de seu partido, o Likud, ter sido o mais votado, Netanyahu tem agora de fazer alianças mais amplas para formar o governo.

## *Isolamento de Israel*

As relações entre Israel e os palestinos sofreram, nos últimos anos, o impacto de duas mudanças externas, além da Primavera Árabe. A primeira foi a chegada do democrata Barack Obama ao governo dos EUA, em 2009, com uma retórica menos enfática de apoio a Israel do que seu antecessor, George W. Bush. A segunda foi o rompimento da cooperação comercial e militar com a Turquia, provocado pelo agravamento das tensões inter-regionais.

*O presidente Obama defende um Estado palestino ao lado de Israel, com base nas fronteiras pré-1967*

Em maio de 2011, Obama fez um pronunciamento histórico, defendendo a criação de um Estado palestino desmilitarizado ao lado de Israel, cujas negociações tomassem como base as fronteiras pré-1967 (*veja o mapa na pág. 85*). Ele ressalvou que qualquer mudança territorial deveria ser acertada de comum acordo, e poderia haver uma "troca" de territórios. Netanyahu rejeitou a ideia. Em resposta, disse considerar as fronteiras pré-1967 como "indefensáveis", por deixar fora de Israel os quase 330 mil judeus que moram em mais de 120 assentamentos na Cisjordânia.

A crise com a Turquia foi uma dor de cabeça inesperada para Israel. O Estado turco era, com o Egito, um pilar de segurança para Israel no Oriente Médio. O estopim da ruptura ocorreu em 2010, quando forças israelenses atacaram uma flotilha (pequeno conjunto de embarcações) que havia zarpado da Turquia e levava ajuda humanitária para os moradores da Faixa de Gaza. O rompimento se deu em setembro de 2011, diante da recusa de Israel de pedir desculpa pelo incidente.

STAN HONDA/AFP

JACK GUEZ/AFP

**DIPLOMACIA**
**O palestino Mahmoud Abbas (acima, de óculos, ao centro) festeja o voto da ONU a favor dos palestinos; à esq., o israelense Benyamin Netanyahu após as eleições em Israel: líderes não conseguem avançar na via de um acordo**

## *Disputa interna palestina*

Após mais de seis décadas de conflito, os palestinos enfrentam dificuldades extremas. Sua população se divide entre uma parcela (minoritária) que vive em Israel, outra que mora nos territórios palestinos – Faixa de Gaza e Cisjordânia –, uma terceira que migrou para outros países, e milhões de refugiados, que perderam suas casas e propriedades com a fundação de Israel e vivem com seus descendentes em campos precários nos territórios e países vizinhos. Os refugiados continuam agitando suas chaves, reivindicando a volta ao local de origem dentro de Israel, o que poria em questão o próprio Estado tal como é hoje. Na Cisjordânia, a população sofre com a ocupação do Exército israelense, com seus pontos de controle militar e com a construção de um muro por Israel que fatia o território. Na minúscula Faixa de Gaza, área semidesértica com uma enorme aglomeração humana, 70% das famílias vivem com menos de 1 dólar ao dia, e 80% delas dependem de ajuda alimentar externa, segundo a ONU.

Internamente, o movimento palestino sofre com sua divisão em duas vertentes. Desde 2007, a Faixa de Gaza é governada pelo grupo fundamentalista Hamas, ao passo que o laico Fatah governa a Cisjordânia. Os dois romperam após as últimas eleições palestinas, em 2006, vencidas pelo Hamas. O resultado teve consequências, pois o Hamas prega o fim de Israel, com o objetivo de criar um Estado islâmico na Palestina. Israel, EUA e União Europeia reagiram com um boicote aos territórios palestinos.

Sob pressão externa, os dois grupos entraram em guerra aberta em 2007: o Fatah foi expulso da Faixa de Gaza. Na Cisjordânia, Abbas nomeou um governo sem os adversários. Assim que o Hamas assumiu o poder na Faixa de Gaza, Israel bloqueou o território, com o apoio do então aliado Egito.

Em maio de 2012, Hamas e Fatah chegaram a anunciar um acordo para a formação de um governo de unidade. Mas o Hamas voltou atrás, declarando que seria preciso alcançar uma reconciliação política real antes de dar qualquer novo passo. ⊠

### RESUMO

## Dossiê Mundo Árabe

**PRIMAVERA ÁRABE** É o nome dado à onda de revoltas populares que eclodem em nações do mundo árabe a partir de 2011. A raiz dos protestos são o agravamento da crise econômica e a falta de democracia. A população sofre com o desemprego e busca melhores condições de vida.

**IRAQUE E AFEGANISTÃO** A ocupação militar do Iraque terminou em dezembro de 2011, com a retirada dos últimos soldados norte-americanos do país. Os EUA invadiram o Iraque em 2003 para derrubar a ditadura de Saddam Hussein e manter sua influência num território rico em petróleo e estenderam a presença das tropas por quase nove anos. Mais de 100 mil civis morreram e também 4,5 mil soldados dos EUA. Assim que os EUA saíram, no fim de 2011, o país mergulhou em um grave conflito interno. No Afeganistão, onde as tropas norte-americanas permanecem pelo menos até 2014, há uma escalada de conflitos com as milícias do Taliban.

**IRÃ** A questão nuclear iraniana ocupa o centro das disputas que opõem o Irã aos Estados Unidos e a Israel. As acusações de que o país ambiciona fabricar a bomba atômica provocam sanções econômicas internacionais. Impedido de comercializar livremente seu produto mais lucrativo, o petróleo, o país enfrenta uma séria crise econômica.

**ISRAEL E PALESTINA** O último conflito ocorreu em novembro de 2012, quando um ataque de Israel matou um chefe militar do Hamas, e, em resposta, o grupo fundamentalista disparou 1,5 mil projéteis. O primeiro-ministro israelense, Benyamin Netanyahu, enfraquece-se nas eleições legislativas, pois terá de fazer alianças amplas para formar o governo.

**PALESTINA NA ONU** O presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, submete à Assembleia Geral da ONU a solicitação para que a Palestina passasse para a condição de "Estado observador não membro". Em novembro de 2012, a resolução foi aprovada na ONU, com 138 votos.